

ÉTICA PROFISSIONAL



UNIÃO NACIONAL DE INSTRUÇÃO

I – ÉTICA	4
1.1. CONCEITO GERAL DE ÉTICA.....	4
1.2. VALOR DA ÉTICA HOJE	4
1.3. PROBLEMAS ÉTICOS	5
II - A ÉTICA E AS OUTRAS FORMAS DE COMPORTAMENTO HUMANO.....	5
2.1. ÉTICA E RELIGIÃO	5
2.2. ÉTICA E POLÍTICA	6
2.3. ÉTICA E DIREITO	6
2.4. ÉTICA E TRATO SOCIAL.....	6
2.5. ÉTICA E CIÊNCIA	7
III - ÉTICA E CIDADANIA.....	7
3.1. POLÍTICA E CIDADANIA.....	7
3.2. IDEOLOGIA.....	8
3.3. ALIENAÇÃO (DES)HUMANIZAÇÃO DO HOMEM NO TRABALHO.....	8
3.4. ÉTICA E CIVILIZAÇÃO	8
3.5. O CORPO	9
3.6. SEXUALIDADE	9
3.7. LIBERDADE.....	9
3.8. ESTÉTICA ARTE E VIDA COTIDIANA.....	9
3.9. ESTÉTICA DE SI	10
3.10. ÉTICA E CIDADANIA NA SOCIEDADE TECNOLÓGICA	10
IV - O DESAFIO ÉTICO ATUAL.....	11
4.1. CRISE DA MODERNIDADE E ESPIRITUALIDADE	11
4.2. OS CÍRCULOS INTELECTUAIS.....	11
4.3. A PROPOSTA DE UMA ÉTICA DA RESPONSABILIDADE SOLIDÁRIA DE KARL OTTO APEL	11
4.4. CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL DOS CORRETORES DE IMÓVEIS.....	12

INTRODUÇÃO

Parabéns! Você está iniciando os estudos sobre Ética Profissional. O estudo dos aspectos éticos que envolvem o nosso cotidiano faz parte de uma das mais abrangentes categorias do conhecimento. Sendo assim, destacamos que os conhecimentos que você irá adquirir serão significativamente relevantes para a sua formação.

I – ÉTICA

Antes de dar início à leitura, pare e reflita! O que é ética?

1.1. Conceito Geral de Ética

Pode-se conceituar Ética como “o estudo dos juízos de apreciação que se referem à conduta humana suscetível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativo a determinada sociedade, ou seja, de modo absoluto”. Também são conjuntos de normas e princípios que norteiam a boa conduta do ser humano.

O pressuposto fundamental da ética é que, de algum modo, seja possível indicar aqueles comportamentos humanos que traduzem um caráter virtuoso e aqueles hábitos de comportamento, que, ao contrário, indicam um caráter desprovido de virtude. Essa indicação “teórica” é justamente aquilo que os gregos chamaram de ética, e os romanos, de moral.

A palavra “ética” tem sido historicamente usada para designar duas dimensões diferenciadas: (1) De um lado, a capacidade teórica que torna apto a identificar as ações humanas adequadas ou contrárias à virtude. Posteriormente, entendidas as virtudes como parâmetros da ação e decisão, como valores, enfim, a ética se compreende também como o estudo dos valores que orientam as ações humanas. (2) De outro lado, entende-se por ética as ações humanas habituais pelas quais os homens se conduzem, na medida em que estas refletem o seu caráter e na medida em que podem ser referidas ao vício ou à virtude.

Antes de tudo, a ética examina os comportamentos habituais pelos quais os homens conduzem a sua vida íntima e a sua vida pública, ou política, indicando aqueles que expressam um caráter conforme as virtudes fundamentais na vida pública e na vida privada.

Mas também, num percurso inverso, descreve, de forma teoricamente orientada, as virtudes, a forma do caráter virtuoso e a sua tradução no nível dos comportamentos habituais. De um lado, ética é a qualificação da ação ou decisão humana, à medida que é conforme a virtude ou aos valores. Por outro lado, ética é o conjunto dos parâmetros ou valores pelos quais se avalia a ação.

Para os antigos era importante assegurar a possibilidade de que os bons costumes e os maus comportamentos pudessem ser identificados e apresentados.

A ética tem um propósito, digamos, pedagógico-político. As virtudes identificadas podem ser ensinadas aos indivíduos para torná-los melhores, mas podem também servir de parâmetros para o aperfeiçoamento e educação do governo e das leis do Estado, da esfera pública e da dimensão privada. E também nos dotam de um conjunto de critérios para conferir valores e avaliar comportamentos e decisões do indivíduo.

A Ética encara a virtude como prática do bem, e logo, como promotora da felicidade dos seres, individualmente ou coletivamente, onde são avaliados os desempenhos humanos em relação às normas comportamentais pertinentes.

Nem sempre é fácil atingir-se o conceito de bem, principalmente vivenciá-lo de maneira coerente. Não se pode exigir tanto da ética, esperar prova absoluta dos princípios gerais, ou certeza objetiva de julgamentos morais específicos. O importante é a busca de boas razões para a opção moral correta.

Enquanto o homem existir, tem a possibilidade de modificar sua conduta e proporcionar direção diferente às suas ações. O caminho da virtude é sempre possível. E todos os homens orientam-se na vida por um critério valorativo, conferindo assim, um sentido pessoal em suas vidas.

1.2. Valor da Ética Hoje

Para entender o valor da ética hoje, nada melhor que relembrar um de seus estágios máximos, em tempos passados. *Aristóteles*, que foi um grande pensador, escreveu várias obras, que inclusive foram marcos relevantes da formação da cultura humana, destacando-se, entre outras, duas obras: “Ética” e “Física”.

A de ética está em plena atualidade, citada na melhor literatura. Enquanto a de física não restam mais do que algumas frases genéricas e inespecíficas.

Qual será o motivo de a Ética ter estagnado e a Física ter evoluído?

As leis da física são mais simples, uniformes e verificáveis. Os físicos usam as leis descobertas, quando querem mudar outras.

Os éticos pretendem avaliar, julgar, achar o que a sociedade deveria achar. A ética contém conceitos imprecisos e variáveis. Existe dificuldade na obtenção e validação de dados confiáveis.

Logo, percebe-se que a ética é muito mais problemática e complexa do que a física (que se pode chamar de “ciência exata”) e, provavelmente foi por isso que a ética estagnou.

Ao longo dos anos os valores morais foram se perdendo e uma das buscas de hoje é o resgate desses valores. Assim, percebe-se que o que se busca com a ética é o “resgate”. Não se pode afirmar, é claro, que apenas se busque o resgate de valores com a ética, mas tudo que se busca na ética hoje é basicamente o que *Aristóteles* buscava ao escrever “Ética”. Não foi a ética que mudou sua essência, e sim a sociedade que mudou sua forma de ver a ética.

A sociedade de hoje vive um paradoxo muito interessante relacionado à problemática da ética. A ética voltou a se tornar um tema fundamental – o que é perfeitamente visível, seja na cultura intelectual, seja no mundo das interações cotidianas. E no ambiente teórico-científico, a ética ganhou a “frente” desde o “*Princípio responsabilidade*” de Hans Jonas, até as questões contemporâneas de

Bioética, passando pelas várias Éticas Políticas e pela Ética do Discurso de Apel e Habermas.

É visivelmente explícito como os temas da ética hoje fazem parte da agenda social, em todo o mundo.

Por outro lado, o tema da ética continua a ser problemático para toda uma "cultura" intelectual deste século, orientada substancialmente para a tolerância, e formada pela semiótica, pela psicanálise e pela nova concepção de história.

A cultura intelectual da tolerância gerou uma atitude ética respeitosa da diferença e compreensiva com a heterogeneidade do ser. Trouxe, também, uma mentalidade para a qual é fundamentalmente desagradável qualquer discurso que implique engajamento numa perspectiva, ou compromisso com um sistema de posições, ou que resulte em atrito de pensamento. Produziu-se o pudor da racionalidade forte e das suas decorrências.

A socialização se move agora pelo cuidado com a pluralidade, por uma moralidade aberta, por argumentações não coercivas, velozes, sem compromisso com a coerência absoluta, pelo prazer, a velocidade, a novidade, o humor, a atualidade efêmera.

Vivemos num mundo de muitas diversidades e, principalmente, desigualdades sociais, culturais e econômicas, criando-se uma indignação em relação ao comportamento humano, pois o "Capitalismo Selvagem" (se assim pode ser chamado) faz com que as pessoas se tornem individualistas, deixando de pensar no bem-estar alheio e pensando somente em si próprias.

Com o desenvolvimento de geração após geração, os hábitos, costumes e modo de viver das pessoas mudam, a civilização moderna é mais desenvolvida intelectualmente, portanto, se faz um novo paradigma da ética, no qual se busca o bem-estar social.

Logo, o pensamento ético está sendo abordado com muita frequência, para que o ser humano se socialize melhor e tenha uma conduta baseada no respeito com a sociedade.

A exigência Ética fundamental atualmente consiste em recuperar a possibilidade de construir relacionamentos de comunhão entre pessoas e comunidades.

1.3. Problemas Éticos

Há pouco tempo a ética era ocupação exclusiva de filósofos e teólogos, que achavam que os problemas éticos não eram abordáveis com as ferramentas da lógica e da ciência. Essa situação começou a mudar nos últimos anos. Cientistas e filósofos de orientação científica começaram a interessar-se pela Ética.

Começou-se a considerar o discurso ético como sujeito digno de análise linguística e também metodológica. Tal como afirmou Bunge: "Não há motivo para deixar que os parâmetros da conduta social constituam monopólio de mentes ilógicas e anticientíficas".

Proliferaram estudos de campo sobre preceitos morais de distintos grupos humanos (comunidades primitivas, grupos sociais), mostrando disparidades em códigos morais e relativismo cultural.

Depois de uma dezena de anos, o efeito ético segue ganhando força, invade os meios de comunicação, alimenta a reflexão filosófica, jurídica, gerando instituições, aspirações e práticas coletivas inéditas.

A revitalização dos valores e o espírito de responsabilidade estão evoluindo para serem o imperativo "número um" da época. A ética recupera seus títulos de nobreza, se consolida novo status ao êxito e à proteção moral, não é mais utopia moral. E, ao mesmo tempo, se perpetua um discurso social alarmista que é marcado pela quebra dos valores, pelo individualismo cínico, e pelo "fim de qualquer moral".

De maneira alguma as pessoas voltadas só para si mesmas e indiferentes ao próximo e ao bem público, podem indignar-se, dar prova de generosidade, reconhecer-se na reivindicação ética. Como pode uma cultura individualista se importar com as virtudes da retidão, da solidariedade, e da responsabilidade?

Segundo Lipovetsky: "O tema da reativação moral, da ordem moral, está em alta, mas de que natureza é este ressurgimento e de que moral fala exatamente?" "Nossa época não restabelece o reino da 'antiga e boa moral', mas, 'se livra dela'".

Temos um claro exemplo dos problemas éticos atuais: O que é solidariedade hoje?

A palavra "solidariedade" pode ser enganosa. De fato, os membros de uma quadrilha de estelionatários, por exemplo, podem ser solidários entre si, ajudando-se e protegendo-se mutuamente. O mesmo pode ocorrer com os membros de uma corporação profissional –alguns podem encobrir o erro de um colega para evitar que a imagem da profissão seja comprometida.

Em casos como esses, a solidariedade nada tem de ético. Pelo contrário, é condenável, pois só ocorre em benefício próprio – se a quadrilha ou a corporação correr perigo, cada membro em particular será afetado. Portanto, ajuda-se os outros para salvar a si próprio.

Segundo a ética, o enfoque que deveria ser dado para o tema solidariedade é muito próximo da idéia de "generosidade": doar-se a alguém, ajudar desinteressadamente. Se todos fossem solidários nesse sentido, talvez não precisasse pensar em justiça – cada um daria o melhor de si para os outros.

Nesta reflexão de início de conteúdo sobre ética, você pode ver o seu conceito, o seu valor e os problemas éticos nos agrupamentos básico e preliminar do sistema. Agora iremos tratar da ética e as formas de comportamento humano.

II - A ÉTICA E AS OUTRAS FORMAS DE COMPORTAMENTO HUMANO

2.1. Ética e Religião

Toda regra moral legítima aparece sob a forma de uma obrigação, de uma ordem: deve-se fazer tal coisa, e não fazer outra. Como essa obrigatoriedade pode se instalar na consciência?

É preciso que os preceitos dessas ordens toquem, de alguma forma, a sensibilidade do indivíduo, que sejam desejáveis. Portanto, para que um indivíduo se incline a legitimar um determinado conjunto de regras, é necessário que o veja como a tradução

de algo bom para si, que diga respeito a seu bem-estar psicológico, ao que se poderia chamar de seu “projeto de felicidade”.

Se enxergar nas regras aspectos contraditórios ou estranhos ao seu bem-estar psicológico pessoal e ao seu projeto de felicidade, esse indivíduo simplesmente não aceitará os valores subjacentes a elas e, por conseguinte, não legitimará as próprias regras. Poderá, às vezes, comportar-se como se as aceitasse, mas será apenas por medo do castigo. Na certeza de não ser castigado, no caso de ninguém tomar conhecimento de sua conduta, não tendo poder que possa puni-lo, se comportará segundo seus próprios desejos. Logo, as regras morais devem apontar para uma possibilidade de realização de uma “vida boa”, do contrário, serão ignoradas.

Entretanto, pergunta-se: como os projetos de felicidade são variados, dependem dos diferentes traços de personalidade, e as regras morais devem valer para todos, se cada um tiver a sua regra, a própria moral desaparece. Então, como despertar o sentimento de desejabilidade para determinadas regras e valores, de forma que não se traduza em mero individualismo? A Religião é uma forma de despertar esse sentimento de desejo em seguir determinadas regras.

Portanto, as idéias éticas se identificam com as religiosas. Pois o ser humano viveria para conhecer, amar e servir a Deus e seus semelhantes.

2.2. Ética e Política

A ética na política é um tema muito debatido. Pois a ética e a política são instrumentos pelos quais os homens podem transformar a sociedade.

Os indivíduos públicos precisam utilizar da ética. Um dos temas relacionados à ética na política seria o da responsabilidade de administrar o dinheiro público e aplicar os recursos nas áreas que exigem maior prioridade.

Também devido à ética social, ou seja, ao bom convívio social, a sociedade está cada vez mais exigindo transparência dos atos públicos, buscando sempre redução das diferenças sociais, tendo uma economia mais equilibrada.

No âmbito atual do país, uma forma de preocupação com a ética na política seria o julgamento de leis segundo critérios de justiça, julgar a distribuição de renda do país segundo o mesmo critério, avaliar se há igualdade de oportunidades oferecidas a todos, se o poder político age segundo o objetivo da equidade, se os direitos dos cidadãos são respeitados. A consequência disso tudo seria a transparência do setor público e conseqüentemente, a utilização da ética.

2.3. Ética e Direito

Segundo *Hegel* "Por meio do ético, o homem tem direitos, na medida em que tem deveres, e deveres, na medida em que tem direitos."

O tema dos direitos do ser humano sempre atraiu todos aqueles que pensaram sobre a justiça, desde os filósofos gregos. Esse tema atrai todos aqueles que se preocupam com a pergunta “Como devo agir perante os outros?” que poderia ser assim expressa: “Como ser justo com os outros?”, ou seja: “Como respeitar seus direitos? Quais são esses direitos? E os meus direitos?”.

O conceito de justiça pode remeter a obediência às leis. A igualdade reza que todas as pessoas têm os mesmos direitos. Entretanto, cada um tem inclinação a acreditar nos valores e normas morais e éticos que permitam o êxito em sua vida e o decorrente auto-respeito.

O respeito próprio depende também do fato de ser respeitado pelos outros. Os direitos das pessoas são respeitados quando elas respeitam os direitos dos outros.

Assim, é sensato pensar que as regras que organiza a convivência social de forma justa, respeitosa e solidária têm grandes chances de serem seguidas pelas pessoas.

De fato, a justiça permite que as oportunidades sejam iguais para todos, sem privilégios que favoreçam alguns. Se as regras forem vistas como injustas, dificilmente serão seguidas pelas pessoas.

Muitos, por não conhecerem certas leis, não percebem que são alvos de injustiças. Não conhecem seus direitos. Provavelmente, se os conhecessem, teriam melhores condições de lutar para que fossem respeitados esses direitos.

Uma sociedade democrática tem como principal objetivo ser justa, inspirada nos ideais de igualdade. Se um regime democrático não conseguir aproximar a sociedade do ideal de justiça, se os direitos de cada um não forem respeitados, não existirá democracia.

2.4. Ética e Trato Social

A sociedade muda com o passar do tempo e também mudam os homens que a compõe. Na Grécia antiga, por exemplo, a existência de escravos era perfeitamente aceita. Pessoas não eram consideradas iguais entre si, e o fato de umas não terem liberdade era considerado normal. Hoje em dia, ainda que nem sempre respeitados, os Direitos Humanos impedem que alguém ouse defender, explicitamente, a escravidão como algo correto.

O homem vive em sociedade, convive com outros homens e, portanto, cabe-lhe pensar em como deve agir perante os outros. Trata-se de um questionamento fácil de ser formulado, mas difícil de ser respondido. Essa é a questão central do trato social.

Para nortear as ações em sociedade é preciso possuir critérios, valores, e estabelecer relações e hierarquias entre esses valores.

O tema respeito é central no trato social. E também é complexo, pois remete a várias dimensões de relações entre os homens, todas “de respeito”, mas em sentidos muito diferentes.

Pode-se associar respeito à idéia de submissão. É o caso de uma pessoa obedecer incondicionalmente a outra. Tal submissão pode vir do medo (respeita-se o mais forte, não porque mereça algum reconhecimento de ordem moral, mas simplesmente porque detém o poder). Porém, também pode vir da admiração, da veneração (porque é mais velho ou sábio, por exemplo). Nesses casos,

o respeito é compreendido de forma unilateral, ou seja, consideração, obediência, veneração de um pelo outro, sem que a recíproca seja verdadeira ou necessária.

Um intelectual observou a presença desse respeito unilateral na sociedade brasileira, por meio de uma expressão popularmente freqüente: “Sabe com quem está falando?”. Essa expressão traduz uma exigência de respeito unilateral: “Eu sou mais que você, portanto, respeite-me”.

Entretanto, uma outra expressão conhecida apresenta uma dimensão diferente do respeito: “Quem você pensa que é?”. Tal pergunta traduz a destituição de um lugar imaginariamente ocupado, de superioridade em relação ao outro. Essa expressão é a afirmação de um patamar de igualdade: “se devo respeitá-lo, você também deve me respeitar”. Não é a falta de respeito, mas sim a negação da associação do respeito com a submissão. Trata-se do respeito mútuo.

É claro que, tanto a dignidade do ser humano quanto o ideal democrático de convívio social, pressupõem o respeito mútuo e não o respeito unilateral.

O respeito mútuo se expressa de várias formas complementares. Uma delas é o dever do respeito pela diferença e a exigência de ser respeitado na sua singularidade. Tal reciprocidade deve valer quando se fazem contratos que serão honrados, cada um respeitando a palavra empenhada e exigindo o mesmo. O respeito pelos lugares públicos, como ruas e praças, também deriva do respeito mútuo já que tais espaços pertencem a todos, preservá-los é dever de cada um, porque também é direito de cada um poder desfrutá-los.

2.5. Ética e Ciência

Há regras de conduta que atravessaram milênios e hoje seria difícil imaginar a vida social se fossem abandonadas, pois não se conhece sociedade tão primitiva que ignore a diferença entre o bem e o mal.

Em quase todo o mundo a nova geração questiona a moral ética da ciência, além do caráter científico dos códigos morais vigentes. Alguns chegam a culpar a ciência pelas guerras, desemprego, alienação e deterioração da natureza.

A decadência dos costumes – proclamada universalmente – veio junto com o progresso da ciência. Não se pode afirmar que a ciência seja a culpada dessa decadência, entretanto, o desenvolvimento científico proporcionou inúmeras facilidades, que não se sabe se foram boas contribuintes para o aprimoramento da moral, dos bons costumes e da ética.

Portanto, para analisar se nas últimas décadas, juntamente com o progresso científico, a sociedade realmente abdicou, total ou em parte, da moral e da ética de cidadania e convivência, pode-se fazer alguns comentários:

1. Inúmeros fenômenos ilustram e comprovam a assustadora perversão dos costumes, das regras de convívio e das perspectivas de vida social satisfatória.

2. Todas as camadas sociais vivem um clima de violência, que cresce em número e gravidade, que não é punida, que é divulgada ao máximo, e que, sobretudo, é encarada como trivial.

3. O abuso de drogas e todas as patologias e crimes correlatos se difundem e adotam métodos mais sofisticados e eficazes.

4. O analfabetismo, a miséria, o desemprego, os hábitos de higiene, física e mental, e a exclusão social atingem parcelas significativas e crescentes da população.

5. Roubos, crimes contra bens, não cessam de crescer. A corrupção e a fraude (fiscais, políticas e econômicas) progredem.

6. Em nome da liberdade individual, alteram-se condutas consagradas pelo tempo e até pela biologia, como os papéis sexuais.

7. A família se deteriora por falta de seus integrantes, redução da presença, do envolvimento afetivo, da autoridade.

8. O trabalho, os valores profissionais e o próprio futuro planetário perdem investimento afetivo e importância social.

9. Os mais responsáveis temem o surgimento de uma cultura sem dever, simultânea à inédita e cruel competitividade.

Verdadeiramente, não se dá por provado que a ciência seja boa ou que tenha contribuído para essa decadência dos costumes.

Nem se admite que a moral ética dominante seja sábia.

Vemos, simultaneamente, os dois lados: (1) A glorificação da ciência, em nome de uma nova moral não conformista; e (2) Sua condenação moral, contra a cultura e a civilização centradas na ciência.

As máquinas em geral e computadores em particular, parecem criar uma cultura alheia e cruel. Segundo *Bunge*: “Os jovens perderam confiança em pais e mestres”.

Nem toda a reação contra valores estabelecidos é integralmente negativa, pode ser um toque de atenção que nos alerte para o que está havendo.

É certo que a geração atual não se questiona sobre destruir algo como a ciência – que, na maioria dos casos, não contribuíram para criar nem sabem utilizar. Mas também é verdade que têm razão em protestar contra o mau uso das conquistas da ciência e da tecnologia, e com a decadência da moral e da ética.

III - ÉTICA E CIDADANIA

3.1. Política e Cidadania

Para termos um bom e perfeito desenvolvimento social e moral devemos ter basicamente o sentido do conhecimento que nos é garantido pela lei maior, e segui-lo.

Acredita-se que os indivíduos possuem valores e legitimam as normas de cidadania e as leis quando, sem controle externo, regem sua conduta pelas normas éticas e morais da cidadania.

Como por exemplo, alguém que não rouba por medo de ser preso não segue realmente a norma “não roubar”, e sim apenas a segue temporariamente por medo do castigo e, na certeza da impunidade, não a seguirá.

E os indivíduos que seguem realmente a regra independentemente de serem punidos caso sejam descobertos, são os indivíduos que realmente legitimam as normas de cidadania e as leis. Ou seja, se estiverem convictos de que essa regra representa

um bem moral, seguirão a regra.

Essa consciência social ético moral, começa a partir do desenvolvimento cultural, devemos criar dentro de nós um grau elevado de cidadania, tendo como alicerce o art. 5º da Constituição Federal, que diz: *"Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza"*.

3.2. Ideologia

Ideologia é a "Ciência da formação das idéias, é um sistema de idéias." E o que pode ser uma ideologia da ética? Ou, como chegar a uma ideologia ética? Quando se reflete sobre os ideais éticos pergunta-se sobre os critérios da moralidade.

Por exemplo, diante de uma afirmação sobre a validade de fins justificarem meios, é preciso reconhecer que fins e meios são conceitos relativos, como "direita e esquerda", depende de onde se encontram, pois um define o outro. Para que exista um progresso numa ação é necessário estabelecer determinado fenômeno como "fim"; estudar os "meios" disponíveis; comparar valores; assegurar que uns não destruam nem corrompam aos outros. E, finalmente, verificar um progresso, quantitativo e qualitativo, para que a ação seja moralmente correta.

Kant, por exemplo, propôs: "agir apenas de acordo com a máxima de que se possa desejar transformar em lei universal". Em outras palavras: "não devo furtar, porque se todos o fizerem não poderemos viver em sociedade e nem em paz."

As leis de conduta social são vivas, nascem, disputam prioridade, e sofrem a seleção natural. Sobrevivem e se fortalecem as que parecem levar aos resultados desejados. E as leis que não apresentam resultados satisfatórios somem.

Na história das culturas, a moral é gerada no ventre dos problemas. A Ética nasce e se desenvolve como resposta e tentativa de solução das dificuldades práticas que mais prevalecem.

Uma das ideologias éticas seria, então, incentivar os indivíduos a terem obrigação de elevar a soma de bem no mundo, em relação ao mal, e para o maior número de pessoas e grupos pelo máximo de tempo.

Toda a noção de moral pressupõe um sentimento comum a toda a cultura que recomenda certos atos a aprovação geral e condena outros.

Pode-se supor que o egoísmo é considerado, na maioria das culturas, como a essência da imoralidade, pois a ética é contrária aos interesses individuais imediatos.

A adoção de um caminho ideológico ético pode levar a sacrifícios, e a pessoa, aos olhos dos que não acreditam na moral, podem parecer que tem uma vida pior.

Entretanto, uma ideologia ética pressupõe seguir esses padrões morais e éticos, sem se importar com as influências externas. Preocupando-se com o cultivo de certas qualidades, tais como: honestidade, escrupulo, bondade, temperança, etc.

3.3. Alienação (Des)Humanização do Homem no Trabalho

Uma das coisas que está ocorrendo no mercado de trabalho atual é a realização dos projetos de vida de forma puramente egoísta.

A valorização do sucesso profissional, coroado com gordos benefícios financeiros, o *status* social elevado, e outros, são valores puramente individuais, que, para uma minoria, podem acontecer pela obtenção de privilégios, pela manipulação de outras pessoas, e pela completa indiferença pelos outros membros da sociedade.

Diz-se que se trata de uma minoria, pois é ilusão pensar que todos podem ter carro importado, sua imagem na televisão, acesso aos corredores do poder político, e afins.

A valorização desse tipo de sucesso é traço marcante da sociedade atual e tende a fazer com que as pessoas o procurem, mesmo que o preço a ser pago seja o de passar por cima dos outros, das formas mais desonestas e até mesmo violentas. E como resultado, a pessoa acreditará que perdeu o respeito próprio se não foi bem sucedida nos seus planos pessoais, entretanto, aceitará: mentir, roubar, desprezar o vizinho, etc.

É necessário que as regras morais sejam partes integrantes do respeito próprio, ou seja, que o auto-respeito dependa – além dos diversos êxitos na realização dos projetos de vida – do respeito pelos valores e regras morais.

Portanto, de nada adiantará a um Corretor de Imóveis, unicamente talento para venda, vocação para o ramo, boa memória, bom nível de instrução, cultura geral, organização, e boa apresentação. É preciso que o corretor absorva os valores e regras morais como valores pessoais que procura resguardar em seu ambiente de trabalho.

3.4. Ética e Civilização

Como conhecer a diversidade de valores presentes na sociedade brasileira? Por se tratar de um questionamento nacional que objetiva o exercício da cidadania, procuremos em uma referência nacional: a Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Nela, encontram-se elementos que identificam questões morais.

No art. 1º vemos como fundamentos da República Federativa do Brasil, a dignidade da pessoa humana e o pluralismo político.

No art. 3º vemos que constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil (entre outros):

I) construir uma sociedade livre, justa e solidária;

III) erradicar a pobreza e a marginalização

e reduzir as desigualdades sociais e regionais;

IV) promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Não é difícil identificar valores morais em tais objetivos, que falam em tratamento digno, justiça, igualdade, solidariedade.

Esses conceitos referem-se a algo que poderia chamar de núcleo moral de uma sociedade. São valores eleitos como necessários ao convívio entre os membros dessa sociedade.

Trata-se de um consenso mínimo, de um conjunto central de valores, indispensável à sociedade democrática. Sem ele, destrói-

se a democracia.

Os conceitos tratam, também, do caráter democrático da sociedade brasileira. A democracia é um regime político e também um modo de sociabilidade que permite a expressão das diferenças, a expressão de conflitos, e a pluralidade.

Essa valorização da liberdade não está em contradição com a presença de um conjunto central de valores. Pelo contrário, esse conjunto de valores garante, justamente, a possibilidade da liberdade humana, coloca fronteiras precisas para que todos possam usufruir e preservar essa liberdade.

3.5. O Corpo

Questões éticas encontram-se a todo o momento em todas as coisas com relação aos valores humanos, elas permeiam todos os assuntos, inclusive “o corpo”.

O corpo é algo intimamente ligado à pessoa humana. Não podemos tratá-lo, portanto, como uma realidade separada do seu sentido mais amplo. O corpo é a manifestação do indivíduo, da alma do homem, o corpo é uma parte, e muito importante, da própria pessoa.

O corpo não é considerado como algo separado da mente. Portanto, o intelecto e o corpo são atributos igualmente essenciais, indissociáveis.

Corpos e pensamentos podem ser distintos, porém, são igualmente modificações da extensão e do pensamento de uma mesma pessoa. E mais, no próprio homem, sua mente e seu corpo não se separam, não podendo o homem, por conseguinte, identificar-se com um em detrimento do outro.

Quando perguntamos a alguém como é algum indivíduo, é comum que comecemos por descrever o seu corpo: se é alto ou baixo, loiro ou moreno, gordo ou magro. O resto das suas qualidades espirituais, a sua inteligência, modo de ser, caráter, etc., inserem-se nesse físico e inclusive algumas realidades, como o temperamento, vêm determinadas precisamente pelas características corporais.

Além de ser parte do indivíduo, o corpo tem um significado profundo quanto à comunicação das pessoas. O corpo é também a fonte de uma rica comunicação interpessoal. Com os olhos, os gestos, as mãos, as palavras, nos comunicamos.

Para que desempenhe bem suas funções, é necessário ao Corretor de Imóveis que cuide de seu corpo como algo vinculado ao seu intelecto, o que significa levar em conta que a saúde e a doença envolvem necessariamente a nutrição, a qualidade de vida, a psique, as relações, o estresse, o meio.

3.6. Sexualidade

A sexualidade em nossa vida tornou-se um item suficientemente importante para ser problematizado.

A sexualidade, naturalmente, envolve relações pessoais que devem ser baseadas no respeito de parte a parte. Homem e mulher devem ser respeitados segundo as particularidades de cada sexo.

A comunicação entre homens e mulheres deve existir e pode ser praticada em várias dimensões, que vão desde a cultura como um todo, até a conversa amena entre duas pessoas. Dialogar pede capacidade de ouvir o outro e de se fazer entender. Esse diálogo pode ser fonte de riquezas e é muito importante profissionalmente.

O respeito às diferenças dos sexos, feminino e masculino, é algo que deve ser levado em consideração para a aquisição de uma conduta ética.

3.7. Liberdade

O ser humano é livre para escolher uma vida satisfatória, pode escolher o que quiser. Há, porém, uma escolha que ele não pode deixar de fazer: “**não pode deixar de escolher**” não pode fugir de sua liberdade.

Segundo Spinoza “Um ser é livre quando age por necessidade própria, quando não é levado a ação por um outro.”

A liberdade humana não é dada, mas ela pode ser conquistada, se o ser humano for capaz de expressar a sua natureza. O humano não é livre, mas a liberdade é uma possibilidade humana.

Toda a moralidade exige liberdade de quem age e é julgado. As ações humanas, suas decisões e execuções não obedecem a causas necessárias e suficientes, mas há fatores, radicados dentro e fora do homem, no passado, no presente e no futuro, que tornam as ações mais prováveis.

Disse Goethe: “Aquele que quer ser algo grande, deve saber limitar-se”. Portanto, minha vontade livre tem que mediar-se com a vontade livre do outro, a fim de se universalizar.

3.8. Estética Arte e Vida Cotidiana

Os estudos da estética não se prestam apenas ao universo das grandes artes acadêmicas ou aos interesses especializados dos críticos, mas também à percepção do belo na prática da vida cotidiana.

Esse pensamento surgiu graças aos estudos críticos de Immanuel Kant, na sua Crítica da Faculdade do Juízo (1790). Para Kant, a estética é um estado de vida de direito próprio, uma capacidade de fruição intimamente relacionada a outras capacidades cognitivas do ser humano, sem depender, necessariamente, da aquisição de conhecimento, ou seja: para contemplar o belo, o sujeito não se vale das determinações das capacidades cognitivas das faculdades do conhecimento. Na percepção do objeto, o sujeito abarca a plenitude de suas características e não as características isoladas.

A Estética como uma dimensão própria do homem, tem despertado desde a Grécia antiga, interesse e preocupação no “ser”, por aquilo que efetivamente o agrada. Essa disposição ao questionamento do belo, a busca incessante pela compreensão e delimitação do conceito de beleza move a estética no transpassar da vida humana como disciplina filosófica, como mera fruição, como criação, como um ideal ou como uma ruptura.

Para Platão, o belo é o bem, a verdade, a perfeição. Existe em si mesma apartada do mundo sensível, residindo, portanto, no mundo das idéias. A idéia suprema da beleza pode determinar o que seja mais ou menos belo.

Já Aristóteles, diferentemente de Platão, acredita que o belo seja inerente ao homem, afinal, a arte é uma criação particularmente humana e, como tal, não pode estar num mundo apartado daquilo que é sensível ao homem. A beleza de uma obra de arte é assim atribuída por critérios tais como proposição, simetria e ordenação, tudo em sua justa medida.

Segundo Hume (1989:266): “Quem nunca teve a oportunidade de comparar os diversos tipos de beleza, indubitavelmente se encontra completamente incapacitado de dar opinião a respeito de qualquer objeto que lhe seja apresentado. Só através da comparação podemos determinar os epítetos da aprovação ou da censura, aprendendo a discernir sobre o devido grau de cada um.”.

Para Ortega, a arte é como um elo entre a vida social e o homem. Em uma obra sua com capítulo intitulado: “Unas Gotas de fenomenologia”, Ortega explica como pessoas diferentes que vivem uma mesma situação a perceberão de modo distinto. Trata-se de uma meditação muito profunda sobre a maneira como nos inserimos no mundo. A forma como a realidade nos atinge está ligada ao modo como estamos inseridos nela.

Cada época revela uma tendência, e a nova arte também é uma nova tendência, porém, rompe com as anteriores. A arte moderna tende a ir contra a mais antiga, espera substituí-la.

A tendência da arte contemporânea seria o afastamento da arte da vida vivida, do cotidiano compartilhado pelos homens. E seu produto seria o afastamento do homem comum da arte produzida nos tempos atuais.

3.9. Estética de Si

A estética dos indivíduos, e o significado de beleza tem sido objeto de reflexão.

Kant vê na experiência do belo, e mais ainda do sublime, a realização das capacidades mais elevadas do ser humano. A riqueza do real admitida na contemplação estética é experimentada como afirmação prazerosa de sua ampla determinabilidade por nós.

Já para Hegel, a dificuldade de se estudar a Estética é o fato de seu objeto – o belo – ser de ordem espiritual, pois o belo não é um objeto de existência material, mas de existência subjetiva, inerente à atividade espiritual de cada indivíduo. Contudo, esse fato não chega a ser comprometedora para a compreensão do fenômeno estético, porque o “verdadeiro conteúdo do belo é o espírito”.

3.10. Ética e Cidadania na Sociedade Tecnológica

Tudo que é cientificamente possível e tecnologicamente realizável não é necessariamente ético ou admissível.

O impacto e as consequências éticas do progresso científico e tecnológico para os cidadãos, enquanto membros da sociedade são atualmente visíveis.

Parte significativa dos cientistas nos laboratórios de pesquisa internacionais, atualmente se dedica ao desenvolvimento de tecnologia para as grandes corporações globais. Se a consequência desse desenvolvimento for um maciço aumento do desemprego por conta da radical automação, este ônus passa a ser transferido para a sociedade, tenha ela ou não estrutura para lidar com a questão. E onde estaria a ética da tecnologia para com a sociedade?

O capitalismo global apossou-se por completo dos destinos da tecnologia, orientando-a única e exclusivamente para a criação de valor econômico.

Surge da necessidade de obter instrumentos eficientes para propor soluções para os problemas éticos que a sociedade tecnológica cria.

Nem John Locke, com sua pretensão da “sociedade global” consegue explicar a novidade real dos processos históricos que estamos testemunhando. Surge um novo paradigma de “relações globais de poder”, de uma forte união do poder econômico ao poder político para materializar o projeto do capital global.

A globalização deveria ser realizada e regida pelo trabalho. A construção da “Sociedade Global” será possível com a emancipação humano-social, uma forma de sociabilidade, onde o desenvolvimento das forças tecnológicas e globalizadas do capital atenda às necessidades de todos.

Guy Debord afirmava que a dominação da economia sobre a vida social acarretou uma degradação do “ser” para o “ter”. Em seguida, operou-se um deslizamento generalizado do “ter” para o “parecer-ter”. Ou seja: “não preciso ser, mas preciso ter, e se não posso ter vou aparentar que tenho.”.

Em meio às turbulências éticas pelas quais passam as sociedades contemporâneas, uma esperança parece acalantar os sonhos dos homens: que a sobrevivência da humanidade como espécie esteja garantida. No entanto, a existência humana dependerá de sermos capazes de estabelecer contratos de longo prazo com nosso futuro. Se destruímos frágeis equilíbrios em nome do que chamamos progresso, nem nós sobraremos.

Para a ética de Aristóteles, o que constitui o sentido da existência humana não é o domínio, mas o conhecimento. A moral ética seria o conjunto de ações pelas quais o homem prudente, impregnado de razão, dá forma a sua existência. Esse comportamento ofereceria a garantia de que o homem não destruisse a si mesmo.

Já para Karl Jasper: “é da responsabilidade das nossas decisões e dos atos humanos que o futuro depende”.

Para Jürgen Habermas: “O saber não pode, enquanto tal, ser isolado de suas consequências”.

O problema maior em recuperar o controle sobre a ciência – a partir de novos referenciais éticos – é que o Estado (Governo) nas sociedades pós-modernas continua em fase de desmonte. Seus antigos papéis já não são mais possíveis, seus novos papéis ainda não estão claros. Como consequência, o Estado enfraquece sua condição de legítimo representante das sociedades civis.

A busca de uma nova supremacia da sociedade civil, sobre a qual seja possível reconstruir um Estado apto a lidar com os desafios da sociedade pós-moderna, pressupõe rever a idéia de progresso, sem abrir mão de que os povos devam ter direito aos benefícios da ciência e das técnicas, condicionando sua aplicação ao que é bom para os cidadãos.

É importante que um corretor de Imóveis, enquanto profissional, tenha em mente todas essas coisas citadas, e que o saber é o fator mais importante na competição mundial pelo poder. No entanto, o direito de decidir sobre o que é verdadeiro não é independente do direito de decidir sobre o que é justo.

O estudo dos itens anteriores lhe proporcionou noções básicas sobre os preceitos e princípios da ética. Pois bem, agora você vai aprender um pouco sobre os desafios éticos atuais. O objetivo desse conteúdo é de dar-lhe uma visão simplista sobre ética e os seus diversos ramos.

IV - O DESAFIO ÉTICO ATUAL

4.1. Crise da Modernidade e Espiritualidade

Uma questão que pode ser considerada uma crise ética da modernidade e espiritualidade é identificar quais as dificuldades para chegar a um conjunto de princípios capazes de reger a vida do homem moderno. Segundo Apel, “É preciso distinguir atitudes individuais de condições universalistas para a vida em grupo. Cada pessoa deve procurar o que é melhor para si. É o indivíduo quem faz sua própria escolha profissional, por exemplo. Vivemos num espaço livre para a individualidade. Por isso, não posso dar, nessa perspectiva, um universo de princípios ou prescrições a serem seguidas. Todos têm que tentar encontrar seu único e autêntico caminho. As regras universalistas dizem respeito a áreas como a justiça, em que há co-responsabilidade coletiva, o que quer dizer que estamos inscritos numa fundação de princípios universais.”.

Mas, o que impede que sejam postos em prática princípios éticos que fundamentem uma responsabilidade universal e solidária? Para Apel, o principal impedimento vem da incapacidade do ser humano em se preocupar com o coletivo. O indivíduo dá importância apenas ao que interessa a ele. Não sabemos utilizar a razão estratégica para alcançar propósitos coletivos. Em nossa comunicação, por exemplo, o homem não procura entrar em contato com o outro. Ele se esforça para fazer barganhas. Eu digo o que faço por você e espero saber o que você fará por mim. São diálogos estratégicos. Isso acontece no mundo da política, dos negócios, da economia, em que as pessoas barganham o tempo todo.

Outro fato a ser tratado é que as sociedades atuais possam ser incapazes de encontrar seus princípios morais de forma racional. Segundo Apel, é muito difícil resolver as dificuldades morais. Precisamos pensar em responsabilidade conjunta das sociedades, não específica. A busca dos princípios morais é uma questão de todos os seres humanos.

4.2. Os Círculos Intelectuais

Para os Gregos, o ideal ético estava na busca teórica e prática do bem, os Estóicos insistiram mais nesta vida e bem material, e os Epicureus afirmaram que a vida devia ser voltada para o prazer. Vejamos mais alguns círculos intelectuais que se referem à ética.

Se é verdade que não há aceitação das regras morais e éticas sem um investimento afetivo, é também verdade que tal aceitação não existe sem a racionalidade, sem o juízo e a reflexão sobre valores e regras.

- A moral pressupõe a responsabilidade, e essa pressupõe a liberdade e o juízo.
- Somente há responsabilidade por atos se houver a liberdade de realizá-los ou não.
- Cabem, portanto, o pensamento, a reflexão, o julgamento para, então, a ação.

Muitas vezes, é por falta de apreensão racional dos valores que alguns agem de forma impensada. Pois se tivessem refletido um pouco, provavelmente teriam mudado de idéia e agido diferentemente.

Tomando-se o exemplo da mentira, verifica-se que poucas pessoas pensaram sobre o que é a mentira. A maioria limita-se a dizer que ela corresponde a não dizer, intencionalmente, a verdade. Na realidade, mentir, no sentido ético, significa não dar uma informação a alguém que tenha o direito de obtê-la.

Em resumo, agir segundo critérios e regras morais implica fazer uma escolha. E como escolher implica adotar critérios, a racionalidade é condição necessária à vida moral.

4.3. A Proposta de uma Ética da Responsabilidade Solidária de Karl Otto Apel

Essa proposta é uma linha filosófica e se orienta, atualmente, para os conflitos da nossa época e a exigência de uma orientação ético-política fundamental. É esse o título de uma das conferências mais atuais de Karl-Otto Apel e é ele o filósofo de uma das filosofias transcendentais contemporâneas.

Trata-se de uma discussão, que o filósofo levanta, sobre a possibilidade de “algo como uma ética da responsabilidade solidária.”

Diz Apel: “a paradoxalidade dessa situação se caracteriza através do seguinte dilema: de um lado, a necessidade de uma ética intersubjetivamente vinculatória, de responsabilidade solidária da humanidade, diante das conseqüências de atividades e conflitos humanos, nunca foi tão urgente como nos dias atuais, e isso em função do pavoroso aumento do risco decorrente de todas as atividades e conflitos humanos, devido ao espantoso potencial técnico da ciência. De outro lado, parece que a fundamentação racional de uma ética intersubjetivamente válida jamais foi tão difícil quanto hoje em dia, uma vez que a ciência moderna (science) pré-ocupou o conceito de fundamentação racional, intersubjetivamente válida, no sentido da neutralidade valorativa; por causa disso, todas as formações teóricas não isentas de valoração parecem, a partir deste parâmetro, ser meras ideologias. Assim, conclui: precisamente uma ética racional de superação dos conflitos parece ser impossível, já que a ética aparece, desde logo, apenas como possível ideologia de um dos partidos conflitantes.”.

E este é o dilema que Apel passa a analisar, nos seus dois aspectos: a exigência de uma ética de responsabilidade solidária em face da crise da civilização técnico-científica e a aparente impossibilidade racional de uma ética de responsabilidade solidária,

intersubjetivamente válida, ou seja, de efetividade entre todos os indivíduos.

Karl-Otto Apel visa uma ética da responsabilidade, isto é, uma ética que leva em conta as consequências e efeitos colaterais dos atos dos sujeitos agentes. O meio pelo qual se chega a normas consensuais na moral e no direito é o discurso argumentativo, exercido por todos os indivíduos. Isso os tornará co-responsáveis pelas consequências de suas ações.

4.4. Código de Ética Profissional dos Corretores de Imóveis

A finalidade do Código de Ética Profissional dos Corretores de Imóveis é reger a conduta dos membros da comunidade dos Corretores de Imóveis, de acordo com os princípios de convivência geral.

Segue abaixo texto integral do Código de Ética:

CÓDIGO DE ÉTICA PROFISSIONAL

Aprovado conforme Resolução Cofeci nº 326/92

Art. 1º - Este Código de Ética Profissional tem por objetivo fixar a forma pela qual deve se conduzir o Corretor de Imóveis, quando no exercício profissional.

Art. 2º - Os deveres do Corretor de Imóveis compreendem, além da defesa do interesse que lhe é confiado, o zelo do prestígio de sua classe e o aperfeiçoamento da técnica das transações imobiliárias.

Art. 3º - Cumpre ao Corretor de Imóveis, em relação ao exercício da profissão, à classe e aos colegas:

I - considerar a profissão como alto título de honra e não praticar nem permitir a prática de atos que comprometam a sua dignidade.

II - prestigiar as entidades de classe, contribuindo sempre que solicitado, para o sucesso de suas iniciativas em proveito da profissão, dos profissionais e da coletividade;

III - manter constante contato com o Conselho Regional respectivo, procurando aprimorar o trabalho desse órgão;

IV - zelar pela existência, fins e prestígio dos Conselhos Federal e Regionais, aceitando mandatos e encargos que lhes forem confiados e cooperar com os que forem investidos em tais mandatos e encargos;

V - observar os postulados impostos por este Código, exercendo seu mister com dignidade;

VI - exercer a profissão com zelo, discrição, lealdade e probidade, observando as prescrições legais e regulamentares;

VII - defender os direitos e prerrogativas profissionais e a reputação da classe;

VIII - zelar pela própria reputação mesmo fora do exercício profissional;

IX - auxiliar a fiscalização do exercício profissional, cuidando do cumprimento deste Código, comunicando, com discrição e fundamentadamente, aos órgãos competentes, as infrações de que tiver ciência;

X - não se referir desairosamente sobre seus colegas;

XI - relacionar-se com os colegas, dentro dos princípios de consideração, respeito e solidariedade, em consonância com os preceitos de harmonia da classe;

XII - colocar-se a par da legislação vigente e procurar difundir-la a fim de que seja prestigiado e definido o legítimo exercício da profissão.

Art. 4º - Cumpre ao Corretor de Imóveis, em relação aos clientes:

I - inteirar-se de todas as circunstâncias do negócio, antes de oferecê-lo;

II - apresentar, ao oferecer um negócio, dados rigorosamente certos, nunca omitindo detalhes que o deprecie, informando o cliente dos riscos e demais circunstâncias que possam comprometer o negócio;

III - recusar a transação que saiba ilegal, injusta ou imoral;

IV - comunicar, imediatamente, ao cliente o recebimento de valores ou documentos a ele destinados;

V - prestar ao cliente, quando este o solicitar ou logo que concluído o negócio, contas pormenorizadas;

VI - zelar pela sua competência exclusiva na orientação técnica do negócio, reservando ao cliente a decisão do que lhe interessar pessoalmente;

VII - restituir ao cliente os papéis de que não mais necessite;

VIII - dar recibo das quantias que o cliente lhe pague ou entregue a qualquer título;

IX - contratar, por escrito e previamente, a prestação dos serviços profissionais;

X - receber, somente de uma única parte, comissões ou compensações pelo mesmo serviço prestado, salvo se, para proceder de modo diverso, tiver havido consentimento de todos os interessados, ou for praxe usual na jurisdição.

Art. 5º - O Corretor de Imóveis responde civil e penalmente por atos profissionais danosos ao cliente, a que tenha dado causa por imperícia, imprudência, negligência ou infrações éticas.

Art. 6º - É vedado ao Corretor de Imóveis:

I - aceitar tarefas para as quais não esteja preparado ou que não se ajustem às disposições vigentes, ou ainda, que possam prestar-se a fraude;

II - manter sociedade profissional fora das normas e preceitos estabelecidos em lei e em Resoluções;

III - promover a intermediação com cobrança de "over-price";

IV - locupletar-se, por qualquer forma, a custa do cliente;

V - receber comissões em desacordo com a Tabela aprovada ou vantagens que não correspondam a serviços efetiva e lícitamente prestados;

VI - angariar, direta ou indiretamente, serviços de qualquer natureza, com prejuízo moral ou material, ou desprestígio para outro profissional ou para a classe;

VII - desviar, por qualquer modo, cliente de outro Corretor de Imóveis;

ÉTICA PROFISSIONAL

- VIII** - deixar de atender a notificações para esclarecimento à fiscalização ou intimações para instrução de processos;
- IX** - acumpliciar-se, por qualquer forma, com os que exercem ilegalmente atividades de transações imobiliárias;
- X** - praticar quaisquer atos de concorrência desleal aos colegas;
- XI** - promover transações imobiliárias contra disposição literal da lei;
- XII** - abandonar os negócios confiados a seus cuidados, sem motivo justo e prévia ciência do cliente;
- XIII** - solicitar ou receber do cliente qualquer favor em troca de concessões ilícitas;
- XIV** - deixar de cumprir, no prazo estabelecido, determinação emanada do órgão ou autoridade dos Conselhos, em matéria de competência destes;
- XV** - aceitar incumbência de transação que esteja entregue a outro Corretor de Imóveis, sem dar-lhe prévio conhecimento, por escrito;
- XVI** - aceitar incumbência de transação sem contratar com o Corretor de Imóveis, com que tenha de colaborar ou substituir;
- XVII** - anunciar capciosamente;
- XVIII** - reter em suas mãos negócio, quando não tiver probabilidade de realizá-lo;
- XIX** - utilizar sua posição para obtenção de vantagens pessoais, quando no exercício de cargo ou função em órgão ou entidades de classe;
- XX** - receber sinal nos negócios que lhe forem confiados caso não esteja expressamente autorizado para tanto.
- Art. 7º** - Compete ao CRECI, em cuja jurisdição se encontrar inscrito o Corretor de Imóveis, a apuração das faltas que cometer contra este Código, e a aplicação das penalidades previstas na legislação em vigor.
- Art. 8º** - Comete grave transgressão ética o Corretor de Imóveis que desatender os preceitos dos artigos 3º, I, V, VI e IX; 4º, II, III, IV, V, VII, VIII, IX e X; 6º, I, III, IV, V, VI, VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIX e XX, e transgressão de natureza leve o que desatender os demais preceitos deste Código.
- Art. 9º** - As regras deste Código obrigam aos profissionais inscritos nos Conselhos Regionais.
- Art. 10** - As Diretorias dos Conselhos Federal e Regionais promoverão a ampla divulgação deste Código de Ética.

Brasília-DF, 25 de junho de 1992

WALDYR FRANCISCO LUCIANO

Presidente

RUBEM RIBAS

Diretor 1º Secretário

Nesta unidade, demonstramos que a ética deve ser uma preocupação de qualquer profissional, sem ela, não existe organização e condições de perfeita concorrência no mercado de trabalho.

Refleta! Quais são as características e postura que um profissional ético deve ter em relação à concorrência.

V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SINGER, Peter. **Ética prática**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**. 2. ed. São Paulo: Abril, 1979. (Coleção Os Pensadores)

RAWLS, John. **Uma teoria da justiça**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Abril, 1973a. (Coleção Os Pensadores)

KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.